

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: CÉREBRO MASCULINO *VERSUS* Cérebro FEMININO

Trabalho elaborado no 2º ano na unidade curricular de Neuropsicologia

(2008)

**Armanda Vieira
Joana Isabel Moreira
Rita Morgadinho**

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal)

Email:
msrita@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho foi elaborado no âmbito da unidade curricular de neuropsicologia, e teve como objectivo conhecer melhor o conceito de inteligência emocional, fazendo para tal uma abordagem nas diferenças entre o cérebro feminino e masculino.

Para tal procedeu-se a uma revisão da literatura, com o fim de recolher informação sobre a temática em estudo.

Pode entender-se por inteligência emocional a capacidade de se auto-conhecer, de lidar bem consigo mesmo e de conhecer e lidar bem com os outros tanto nos relacionamentos familiares, sociais ou profissionais. De acordo com as características de cada cérebro (masculino e feminino), o conceito de inteligência emocional expressa-se de diferentes maneiras.

Palavras-chave: Inteligência emocional, cérebros masculina e feminino, diferenças cerebrais.

No mundo actual a inteligência dita intelectual não é o factor determinante no que diz respeito às relações interpessoais. Assim a inteligência emocional (designada por IE, representa a capacidade para conciliar emoções e razão: usar as emoções para facilitar a razão e raciocinar inteligentemente acerca das emoções), torna-se fundamental na capacidade de trabalho em grupo, a capacidade de ouvir a nossa consciência, onde o sentimento desempenha um papel crucial na

nossa navegação pelas decisões que temos que tomar. *“Como todos muito bem sabemos por experiência própria, quando se trata de formular as nossas decisões ou as nossas acções, o sentimento conta tanto, e muitas vezes mais, do que o pensamento.”* (Goleman, Daniel, 2006).

Sabendo desde já, que o cérebro masculino e o cérebro feminino são bem diferentes em termos de arquitectura e actividade, torna-se então necessário analisar em que medida estas diferenças interactivam com o conceito de IE. Pensar que homens e mulheres são iguais quanto a aptidões, habilidades e comportamentos, significa criar uma sociedade baseada numa mentira biológica e científica. Os sexos são distintos porque o cérebro é distinto. O cérebro está organizado de modo diferente no homem e na mulher, bem como o processo de informação, o que leva a percepções, prioridades e comportamentos distintos.

Inteligência Emocional

Com o conhecimento cada vez mais aprofundado sobre o intelecto humano, os autores desenvolveram as suas pesquisas em torno do conceito de inteligência e todas as suas vertentes.

Fazendo uma breve retrospectiva, em 1920, Thorndike usou o termo “inteligência social” para descrever a habilidade de se relacionar com outras pessoas. Em 1975, Gardner formulou a ideia de “inteligências múltiplas”, incluindo a inteligência interpessoal e a inteligência intrapessoal. Finalmente em 1985 surge o termo “inteligência emocional” criado por Wayne Payne, mas que teve maior projecção com Daniel Goleman em 1995.

Assim sendo, “inteligência emocional” é um tipo de inteligência que envolve as habilidades para perceber, entender e influenciar as emoções. *“As nossas emoções guiam-nos quando temos de enfrentar situações e tarefas demasiado importantes para serem deixadas apenas a cargo do intelecto. Cada emoção representa uma diferente predisposição para a acção.”* (Goleman, Daniel, 2006) Podemos considerar ainda que a IE é a capacidade de se auto-conhecer e lidar bem consigo mesmo e de conhecer e lidar bem com os outros, seja nos relacionamentos familiares, como sociais ou profissionais. A inteligência emocional caracteriza a maneira como cada um lida com as suas emoções e com as emoções que o rodeiam. No fundo, envolve tudo o que está relacionado com a capacidade de perceber e exprimir a emoção, assimilá-la ao pensamento, compreender e raciocinar com ela, e saber regulá-la em si e nos outros.

A empatia (habilidade de reconhecer o que os outros sentem) desempenha um papel fundamental em variados aspectos da nossa vida, tendo origem na autoconsciência, sendo a base de IE, ou seja, é determinante o reconhecimento de um sentimento enquanto ele decorre. Assim sendo, o objectivo que nós devemos ter é o de tentar equilibrar e não suprimir os sentimentos. O controle emocional está subjacente a qualquer realização. Para alcançar este objectivo é importante que as pessoas se sintam motivadas e tenham uma atitude persistente.

No desenvolvimento do seu trabalho, Daniel Goleman distingue cinco áreas distintas que compõem a IE, sendo estas:

- Auto-conhecimento emocional: saber reconhecer um sentimento enquanto ele ocorre, tomando consciência das suas próprias emoções.
- Controle emocional: capacidade de lidar com as próprias emoções, canalizando-as para uma manifestação adequada a cada situação.
- Auto-motivação: direccionar emoções nas outras pessoas.
- Empatia: saber reconhecer as emoções nas outras pessoas.
- Relacionamentos: aptidão e facilidade nos relacionamentos nas outras pessoas.

Posto isto, surge o momento de referir a criação do termo “quociente emocional” (QE) elaborado por Keith Beasley (1987). Na área da emoção (QE), a distinção entre inteligência e o conhecimento é ainda desconhecido. Os autores recomendam que a IE seja desenvolvida logo a partir da infância, no meio familiar. No entanto, não sendo esta uma característica genética, é possível ser aperfeiçoada durante toda a vida, inclusive na idade adulta. Identificando os aspectos positivos ao nível emocional, será possível aprender algumas das características da IE.

“Em resumo, a inteligência emocional é definida pela capacidade de identificar e perceber emoções, de usá-las para facilitar o pensamento, usar o conhecimento emocional e de regular as emoções em si e nos outros. A inteligência emocional está associada ao uso destes processos em nosso benefício na adaptação aos desafios impostas pelos eventos da nossa vida.” (Primi, Ricardo, 2003).

Diferenças cerebrais

Desde sempre que é possível apercebermo-nos de algumas diferenças ligeiras que existem na forma do cérebro feminino e masculino processar a informação, a linguagem, entre outras coisas.

É a partir daqui que se pode explicar o facto de existirem mais homens cientistas, matemáticos, pilotos de avião, engenheiros mecânicos e arquitectos do que mulheres.

As mulheres apresentam melhores desempenhos em relações humanas e tendem a ser melhores ao nível de empatia e protecção. Já os homens têm uma maior tendência para áreas relacionadas com as habilidades de independência, de dominação e matemático-espaciais.

Embora, muitos autores acreditam “*que muito antes do liceu devem ser ensinadas às crianças capacidades de resolução de problemas*” (Hide, J. S. & Linn, M. C., 1988) independentemente do seu sexo.

No início das investigações, os cientistas eram cépticos quanto ao papel dos genes e das diferenças biológicas, uma vez que a aprendizagem cultural e os estereótipos são muito poderosos e influentes entre os seres humanos. “*O fenómeno de “ameaça de estereótipos” ocorre quando as pessoas pensam que estão a ser avaliadas, baseado nos estereótipos sociais acerca do grupo em particular.*” (Spencer, S. J. Steele, C. M. & Quinn, D. M., 1999)

Um grupo de cientistas da Johns Hopkins University fez um estudo no qual descobriram que existe uma região no córtex chamado lóbulo infero-parietal que é maior nos homens do que nas mulheres. Além disso neste estudo também descobriram que nos homens o lado esquerdo do LIP é maior do que no lado direito, o que os leva a ter maior tendência em habilidades mentais em matemática. Esta é a mesma área que foi demonstrada ser maior no cérebro de Albert Einstein e de outros físicos e matemáticos. Jill M. Goldstein, da Faculdade de Medicina de Harvard, e colegas, usaram a ressonância magnética para medir áreas corticais e sub-corticais. Os pesquisadores descobriram que determinadas partes do córtex frontal – envolvido em muitas funções cognitivas importantes – são proporcionalmente mais volumosas em mulheres do que em homens, assim como partes do córtex límbico, envolvido nas reacções emocionais.

Estima-se que em média o cérebro do homem é 10% maior que o das mulheres, mas isso deve-se ao facto do maior tamanho corporal do homem: um maior número de células musculares implica um aumento do número de neurónios para controlá-las.

Um outro estudo demonstrou que a área de Broca e Wernicke, ou seja, áreas relacionadas com a linguagem eram respectivamente 20% e 18% maiores nas mulheres.

Na Universidade de Yale descobriram que o cérebro das mulheres processa a linguagem verbal simultaneamente nos dois hemisférios, enquanto que os homens tendem a processá-la apenas no hemisfério esquerdo. “*Os homens e as mulheres utilizam estratégias diferentes para desempenhar as mesmas funções cognitivas nem pior, nem melhor, mas de modo diferente.*” (Guillem, François e Mograss, Melodee, 2005).

A pergunta que se coloca muitas vezes é: qual o motivo para as diferenças de género em estrutura e função? A sociedade de neurociência dá a seguinte resposta: “em épocas muito antigas, cada sexo tinha um papel muito definido que ajuda a assegurar a sobrevivência da espécie. Os homens da caverna caçavam. As mulheres da caverna recolhiam comida perto da casa e cuidavam das crianças. As áreas do cérebro podem ter sido desenvolvidas para permitir que cada sexo realizasse as suas tarefas.”

Relativamente a esta pergunta o professor David Geary da Universidade de Missowri também diz: “em termos evolutivos, o desenvolvimento da habilidades navegacionais pode ter

tornado os homens mais capacitados para o papel de caçador, enquanto que o desenvolvimento das mulheres de referência por marcos espaciais pode tê-las capacitado para cumprir a tarefa de colectoras de alimentos perto de casa.” Sandra Witelson da Universidade McMaster descobriu que as mulheres possuem densidade maior de neurónios em áreas do córtex do lobo temporal associadas ao processamento e à compreensão da linguagem.

Enquanto que os homens têm força corporal para competir com outros homens, as mulheres usam a linguagem para conseguir vantagens sociais, através da argumentação e persuasão.

Falando da formação do cérebro (masculino e feminino), pode dizer-se que a presença de androgéneos no início da vida, produzem um cérebro masculino, enquanto que o cérebro feminino se desenvolve pela falta de androgéneos.

Voltando às diferenças propriamente ditas entre os “diferentes” cérebros, existe um feixe de fibras nervosas que liga os dois hemisférios do cérebro e é considerado o ponto essencial do desenvolvimento intelectual, este feixe é maior nas mulheres. Enquanto que as mulheres usam várias partes do cérebro para resolverem determinadas os homens pensam com regiões mais específicas do cérebro.

A correspondência entre o tamanho da região do cérebro em adultos e a acção de esteróides sexuais no útero indica que pelo menos algumas das diferenças sexuais não resultam de influências sociais ou de alterações hormonais relacionadas à puberdade. Elas estão ali desde o nascimento.

Vários estudos comportamentais contribuem para aumentar as evidências de que algumas das diferenças sexuais no cérebro surgem antes mesmo que o bebé comece a respirar. Ao logo dos anos, cientistas demonstraram que, quando escolhem brinquedos, meninas ou meninos tomam rumos diferentes. Os meninos tendem a escolher bolas ou carrinhos, enquanto que as meninas normalmente escolhem bonecas. Mas ninguém sabia dizer com certeza se essas preferências eram determinadas pela cultura ou pela biologia cerebral inata.

A diferença sexual na química e na constituição do cérebro, influencia o modo como homens e mulheres reagem ao ambiente ou a acontecimentos stressantes e se lembram deles. Uma região do cérebro que difere entre os sexos em termos de anatomia e na sua resposta ao stress é o hipocampo, estrutura essencial para o armazenamento de lembranças e para o mapeamento espacial do ambiente. As técnicas de imagem demonstraram que o hipocampo é maior nas mulheres do que nos homens.

Estudos mostraram que homens e mulheres diferem na maneira como armazenam as lembranças de incidentes que despertam emoções – um processo que envolve a activação da amígdala.

No desenvolvimento da evolução a mulher tem lidado com alguns factores internos, consideradas stressantes, os quais o homem não experiênciam (exemplo: parto). A verdade é que o

cérebro parece ter evoluído ao longo dos tempos para estar em harmonia com os diferentes factores.

CONCLUSÃO

“O homem é a mais elevada das criaturas. A mulher é a mais sublime dos ideais. O homem é o cérebro, a mulher o coração; o cérebro fabrica a luz; o coração produz amor. A luz fecunda, o amor ressuscita. O homem é forte pela razão, a mulher é invencível pelas lágrimas. A razão convence, as lágrimas comovem. O homem é capaz de todos os heroísmos, a mulher de todos os martírios. O heroísmo enobrece, o martírio sublimiza. O homem tem a supremacia, a mulher a preferência. A supremacia significa força, a preferência representa o direito. O homem é um génio, a mulher um anjo. O génio é imensurável, a anjo indefinível. A aspiração do homem é a suprema glória. A aspiração da mulher é a virtude extrema; a glória faz tudo grande; a virtude faz tudo divino. O homem pensa, a mulher sonha. O homem é um oceano, a mulher é um lago. Enfim: o homem está colocado onde termina a terra, a mulher onde começa o céu.”

Foi feito um estudo em que se mediu o tamanho do córtex orbito frontal, região relacionada com o controle das emoções, e compararam-no à dimensão da amígdala, mais envolvida nas relações emocionais. Descobriu-se que, nas mulheres, a proporção orbito frontal da amígdala é maior do que nos homens.

Esta conclusão pode dar margem a especulações de que as mulheres talvez sejam. Em média, mais capazes de controlar as suas reacções emocionais.

Como vimos ao longo deste trabalho a inteligência emocional pode ser praticada, tendo em conta que não é estática e vai evoluindo ao longo do tempo, daí o facto dos homens poderem apresentar um nível de inteligência emocional mais elevado.

Concluimos então que homens e mulheres têm igual probabilidade de terem o dito quociente emocional semelhante, ou seja, a inteligência emocional depende mais de cada um de nós do que algo determinado à nascença.

BIBLIOGRAFIA

Goleman, Daniel (2006). *Inteligência Emocional*. 20, 367.

Guillem, François e Mograss, Melodee (2005). Gender differences in memory processing: Evidence from event – related potencial to faces. “*Brain Cogn*”. 57.

Hide, J. S. (2005). *The gender similarities hypothesis*. APA. 60, 581-592